

Ondas de choque serão alvo de estudo

Unifesp quer avaliar eficácia da terapia na ortopedia e no tratamento de feridas; técnica é utilizada para destruir pedras nos rins

Alexandre Gonçalves

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) pretende realizar pesquisas em terapias por ondas de choque. A técnica já está bem estabelecida para litotripsias – uso das ondas para destruir pedras nos rins. Mas ainda há poucos estudos acadêmicos sobre sua aplicação em outras áreas, como o tratamento de lesões ósseas ou de feridas de difícil cicatrização.

A instituição adquiriu recentemente quatro geradores de ondas de choque com dinheiro da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep-MCT). O ortopedista Paulo Roberto Dias dos Santos explica que já começaram os testes pré-clínicos em roedores com lesões na tibia. E há três estudos clínicos que esperam aprovação do comitê de ética da universidade. “Devem começar no início do próximo ano”, afirma Santos, que teve seu primeiro contato com a terapia por ondas de choque no tratamento de problemas ósseos em 2000.

Na ocasião, ele conheceu Wolfgang Schaden, cirurgião do Centro de Trauma Meidling, em Viena, na Áustria. Lá, a terapia por ondas de choque é a primeira opção de tratamento em casos de pseudoartrose, quando o processo de regeneração de fraturas ósseas demora mais do que o esperado. Só depois, em caso de insucesso, recorre-se à cirurgia.

Schaden veio ao Brasil para o 42.º Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, encerrado anteontem em Brasília. O encontro também contou com a participação da Sociedade Brasileira de Terapia por Ondas de Choque (SBTOC). Em entrevista ao **Estado**, Schaden disse que já há evidências científicas suficientes sobre a eficiência da técnica. “O tratamento estimula o crescimento de vasos sanguíneos na região e a migração de células-progenitoras para o local”, aponta. “Os dois processos estimulam a regeneração do tecido.”

Técnica. Contudo, ele afirma que ainda não há clareza sobre os processos fisiológicos e celulares responsáveis pelos efeitos terapêuticos da técnica. “São necessários mais estudos para descobrir o que ocorre dentro das

células”, considera Schaden.

Há, no entanto, pesquisadores que assumem uma postura crítica diante da técnica. “Com base em estudos de alta qualidade e baixo risco de erros conceituais, há suficiente evidência de que a terapia por ondas de choque é ineficaz para tratar dor no ombro, no calcanhar e cotovelo de tenista (*doença causada por repetição e esforço*)”, afirma Rachel Buchbinder, do Departamento de Epidemiologia Clínica da Universidade Monash, na Austrália.

Ela é a principal autora de uma revisão sobre o uso da terapia em casos de cotovelo de tenista, publicada no acervo da Cochrane – entidade de maior prestígio na divulgação de revisões médicas. Na melhor das hipóteses, Rachel admite que a técnica pode reduzir calcificações no ombro.

Crítica. O presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), Osvaldo Lech, relativiza o resultado da revisão. “Estudos mostram que o ‘fator tempo’ é o que mais pesa nos casos de cotovelo de tenista”, afirma. “Outras terapias também apresentam resultados tímidos.” Ele recorda que já assumiu uma postura muito crítica com relação a terapia por ondas



HÉLVIO ROMERO/AE

Dica. O farmacêutico Pedro Cavalheri Neto tratou fascite plantar e, hoje, recomenda técnica

de choque. “Especialmente quando começou aqui no Brasil: algumas pessoas a apresentavam como a panaceia universal”, aponta. Mas, agora, Lech afirma considerá-la uma opção ao lado de outras, como medicação, cirurgia e fisioterapia.

John Furia, médico america-

no que também esteve no Brasil na semana passada, sublinha que o FDA, agência dos EUA de vigilância sanitária, já autorizou aplicações da técnica com base em estudos fidedignos.

Custos. O presidente da SBTOC, José Eid, afirma que o re-

curso à terapia por ondas de choque diminui significativamente os custos com saúde. Ele argumenta que um tratamento individual demanda um investimento de R\$ 2 mil. Segundo Eid, uma cirurgia para tratar o mesmo problema sairia por R\$ 15 mil.

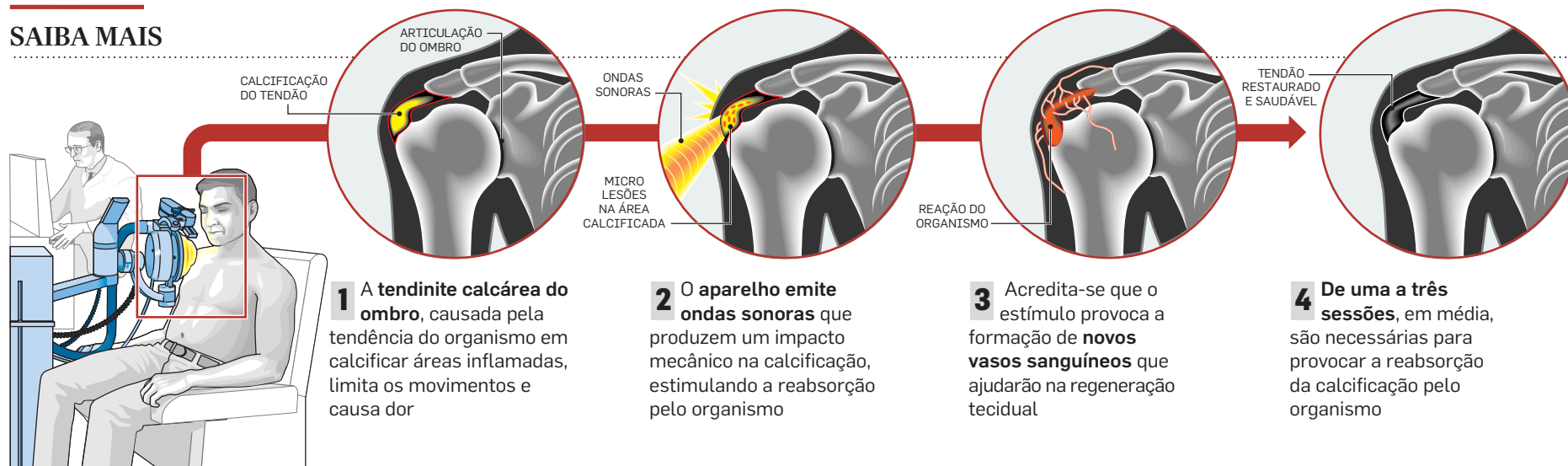
Na Unifesp, Santos pretende

Eficácia depende de diagnóstico inicial preciso

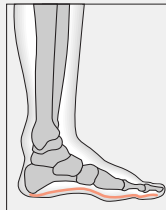
● O farmacêutico Pedro Cavalheri Neto sentia dores causadas por uma fascite plantar, processo degenerativo do tecido que cobre a musculatura da planta do pé. Resolveu arriscar com terapia por ondas de choque. Realizou uma única sessão e, depois de quatro semanas, a dor desapareceu. José Guimarães Longhinotti, lojista em Itaqui (RS) realizou cinco ou seis sessões de 30 minutos durante seis meses. “Para mim, não adiantou nada”, afirma. Seu médico apostou que ele sofria apenas de uma calcificação no ombro. Contudo, havia rompimento de tecido. Foi necessário recorrer à cirurgia. / A.G.

estudar também o uso da técnica no tratamento de feridas de difícil cicatrização. Em 2006, Schaden publicou o primeiro artigo sobre o tema. O pesquisador austríaco acredita que ainda surgirão aplicações promissoras das ondas de choque no tratamento de doenças do coração.

SAIBA MAIS

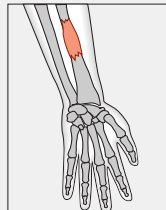


Indicações mais comuns
Conheça os usos mais difundidos da técnica



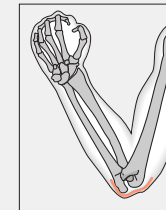
Fascite plantar

É um processo degenerativo da fascia plantar, tecido que recobre a musculatura da planta do pé. Muito comum em corredores e pessoas obesas



Pseudoartroses

É quando a regeneração de ossos fraturados demora mais do que o esperado. O paciente é obrigado a realizar tratamento cirúrgico e pode receber enxertos ósseos



Epicondilite lateral de cotovelo

(ou “cotovelo de tenista”) Causada por excesso de tração dos músculos laterais do cotovelo. Pode ocorrer em pessoas que realizam esforços repetitivos